

MENOS POBRES

Desigualdade diminui em cinco anos

Melhora no poder aquisitivo provocou migração das faixas de renda mais baixas para as de cima

Rio de Janeiro

Cerca de 32 milhões de brasileiros ascenderam de categoria social entre 2003 e 2008 e passaram a integrar as classes A, B e C, segundo um estudo da Fundação Getulio Vargas (FGV) baseado nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad).

Conforme a pesquisa da FGV, 20,9 milhões de pessoas deixaram a parcela mais pobre da população, saindo das classes D e E no período. Somente na classe E, deixaram de figurar 19,5 milhões de brasileiros, o que representou uma retração acumulada de 43% em cinco anos.

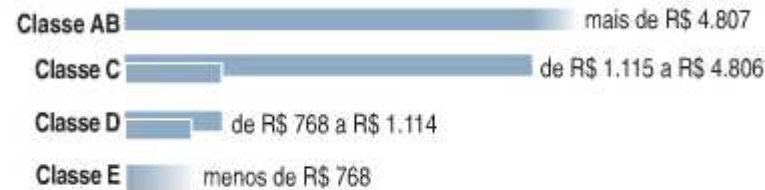
Com renda familiar a partir de

R\$ 4.807, a classe AB foi a que mais cresceu proporcionalmente no período. Essa camada mais rica teve aumento real de 37,1% no número de integrantes entre 2003 e 2008. No ano passado, a alta foi de 7%. A faixa mais numerosa, no entanto, é a C, que em 2003 concentrou quase metade da população (49,2%). No governo Lula, avançou 31,1%.

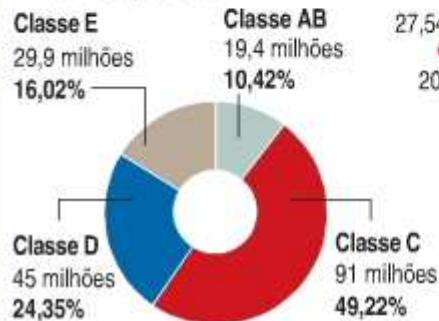
O estudo aponta que houve uma redução na desigualdade no país. De acordo com cálculos do economista Marcelo Neri, coordenador do Centro de Políticas Sociais da FGV, a renda do trabalho foi responsável por 66,8% dessa queda entre 2001 e 2008. O Bolsa-Família, principal programa social do governo federal, contribuiu com 17% para a melhoria no índice Gini, usado para medir a desigualdade.

O panorama social

Por renda mensal



Em total de pessoas



Fonte: FGV



Segundo Neri, é a medida que mais contribui para reduzir a desigualdade porque atinge realmente os mais pobres – a classe E tem 16,25% dos ganhos provenientes dessa modalidade de renda. O economista classificou o mercado interno e o Bolsa-Família como dupla de ataque contra a crise:

– O Pelé é o mercado interno, e o Tostão é o Bolsa-Família.

Um indicador criado por Neri – o potencial de geração de renda – mostra que a população passou a investir mais na possibilidade de gerar renda no futuro do que no consumo a curto

prazo. Para o economista, o brasileiro passou a ser “mais formiga” do que “cigarra”, em alusão à fábula do escritor francês La Fontaine. Enquanto o poder de consumo do brasileiro subiu 14,98% entre 2003 e 2008, o potencial de geração de renda saltou 28% no período.

O potencial de consumo é calculado com o aumento da presença de bens como televisão, geladeira, entre outros. O de geração de renda se baseia em investimentos em educação, previdência privada e bens como celular ou computador.